

Em carta anual esta semana, Larry Fink, CEO da BlackRock, fez ponderações sobre o panorama da economia mundial e as oportunidades para os investidores em 2023. Apesar do documento ser mais focado na análise dos riscos potenciais associados à quebra do Silicon Valley Bank, Fink abordou os desafios e as oportunidades geradas pela crise climática para os investidores, dessa vez, com um tom de maior moderação quando comparado com as cartas de anos anteriores.

Como nos anos anteriores, Larry Fink continuou a alertar os CEOs sobre a importância de atender à crise energética através de ações advindas do setor público e privado que permitam avançar na transição energética de baixo de carbono. O autor condiciona a velocidade da transição energética à ambição das ações governamentais e a coordenação entre os Estados, em conformidade com o Acordo de Paris.

Fink aponta que a transição energética já é um processo irreversível e que já está gerando mudanças estruturais nas finanças. De acordo com a suas ponderações, os mercados financeiros já começaram a realocar seus capitais considerando o risco climático na tomada de decisões de investimento. Segundo cifras apontadas pelo autor, entre janeiro e novembro de 2020, os investidores em fundos mútuos e ETFs (Exchange Traded Fund) alocaram US\$ 288 bilhões em ativos sustentáveis, 96% a mais quando comparado com 2019.

Fink se mostra otimista sobre as grandes oportunidades de novos negócios que ganhará cada vez mais força conforme o avanço das transformações atreladas à transição. Nesse quesito, pode-se intuir que essa manifestação de otimismo se justifica pela adoção de planos de políticas públicas cada vez mais ambiciosos para avançar na transição energética de baixo carbono, e que em 2022 teve como destaque a promulgação da *Inflation Reduction Act* (IRA) nos Estados Unidos, além do REPower EU e o *New Green Deal* na Europa.

Contudo, diferentemente das comunicações anteriores, Fink modera suas expectativas argumentando que a transição energética levará décadas e que, apesar dos avanços tecnológicos observados, ainda não existem opções tecnológicas para substituir os hidrocarbonetos de forma rentável e na escala suficiente para garantir a segurança no abastecimento de energia das sociedades. Nesse ponto, ele ressalta a importância de considerar as realidades econômicas, científicas, sociais e políticas da transição energética, assim como a necessidade de que governos e o setor privado trabalhem juntos para lograr uma transição justa e equitativa.

As considerações anteriores, sugerem que as avaliações de BlackRock passaram a reconhecer e ponderar os impactos do conflito na Ucrânia sobre os mercados de energia e a segurança no abastecimento energético, assim como os riscos de avançar em uma transição energética desordenada sem considerar medidas para mitigar o estresse econômico, social e político nos distintos países, principalmente no mundo em desenvolvimento. Nesse respeito, as dificuldades que implica a descarbonização das matrizes de



energia, assim como o impacto das crises sanitária e energética global dos últimos anos podem ter levado o CEO a mudar sua visão sobre a viabilidade de uma transição energética mais rápida nas condições atuais.

Como um sinal dessa moderação, Fink reconhece a importância de combustíveis fósseis tais como o gás natural, e a incorporação de medidas para mitigar as emissões de carbono, como alternativas para assegurar o abastecimento energético de forma acessível nos próximos anos. Nesse sentido, os efeitos dos acontecimentos dos últimos anos, e um maior entendimento sobre os desafios técnicos que ainda precisam ser superados para viabilizar a difusão em grande escala de novas tecnologias de energia de baixo carbono, parecem ter levado a BlackRock a reconhecer que os combustíveis fósseis continuarão a ter um papel central para garantir a segurança energética e para viabilizar transição energética.